

A Racionalidade da Fé

John MacArthur Jr.

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Fé não é o abandono da razão. As pessoas que pensam que a fé precisa estar divorciada das nossas faculdades intelectuais, em efeito já abandonaram a própria possibilidade de discernimento.

Na verdade, a noção de que a lógica e o raciocínio correto são hostis à fé substitui a fé genuína por irracionalidade. Irracionalidade e discernimento são pólos opostos.

Quando Paulo orou para que o amor dos filipenses aumentasse “mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção²” (Fp. 1:9), ele estava afirmando a racionalidade da verdadeira fé. Ele também queria sugerir que conhecimento e discernimento necessariamente andam de mão dadas com o crescimento espiritual genuíno.

A fé bíblica, portanto, é racional. Ela é coerente. É inteligente. Faz bom sentido. E a verdade espiritual deve ser contemplada racionalmente, examinada logicamente, estudada, analisada e empregada como a única base confiável para fazer julgamentos sábios. Esse processo é precisamente o que a Escritura chama de discernimento.

A igreja hoje está tristemente carente de discernimento, e também muito apática sobre o problema. Precisamos lembrar que a verdade de Deus é um bem precioso que devemos manusear cuidadosamente – não a diluindo com crenças estranhas, nem atando tal verdade a tradições humanas. Quando uma igreja perde sua vontade de discernir entre a doutrina sadia e o erro, entre o bem e o mal, entre verdades e mentiras, essa igreja está condenada.

O apóstolo João traçou uma distinção rígida entre o Cristianismo e o espírito do anticristo – e ele estabeleceu a linha zelosamente: “Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece não tem Deus; o que permanece na doutrina, esse tem tanto o Pai como o Filho. Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas. Porquanto aquele que lhe dá boas-vindas faz-se cúmplice das suas obras más” (2Jo. 9-11). Assim, ele ordenou àqueles sob sua supervisão

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em fevereiro/2007.

² Nota do tradutor: Ou *discernimento*, como na versão do autor. O léxico Strong traz a seguinte entrada para o grego *aisthēsis*, que aparece no versículo em questão: “*percepção*, isto é, (figurativamente) *discernimento*: - julgamento”.

espiritual que fossem vigilantes e discernidores – e a não ter nada a ver com o erro de negar a Cristo ou com aqueles que propagavam tal erro.

Contraste isso com os cristãos de hoje, que se consolam com a opinião de que poucas coisas são realmente preto e branco. Assuntos doutrinários, questões morais, e princípios cristãos são todos jogados na tonalidade de cinza. Ninguém é suposto traçar quaisquer linhas definitivas ou declarar quaisquer absolutos. Toda pessoa é encorajada a fazer o que é certo aos seus próprios olhos – exatamente o que Deus proíbe (cf. Dt. 12:8; Juízes 17:6; 21:25).

A igreja nunca manifestará seu poder na sociedade até que ganhe novamente um amor apaixonado pela verdade e, conseqüentemente, um ódio pelo erro. Os cristãos não podem tolerar ou desconsiderar influências anti-cristãs em seu meio e esperar desfrutar a benção de Deus: “E digo isto a vós outros que conheceis o tempo: já é hora de vos despertardes do sono; porque a nossa salvação está, agora, mais perto do que quando no princípio cremos. Vai alta a noite, e vem chegando o dia. Deixemos, pois, as obras das trevas e revistamo-nos das armas da luz” (Rm. 13:11-12).

Fonte: <http://www.gty.org/>